

A LAGOINHA E SUAS IMAGENS – A REFIGURAÇÃO DO SEU PRESENTE(*)

*Celina Borges Lemos***

1 INTRODUÇÃO

O trabalho "Bairro Lagoinha e a Refiguração do seu Presente" procura desvendar, conhecer e analisar o atual momento do bairro. Isto significa apreender a trama de relações que se processam no lugar, considerando a sua estruturação espacial e os seus desdobramentos. Estes se fazem presentes tanto através da dimensão físico-urbanística, quanto pela inserção dessa estrutura no contexto urbano como um todo.

O trabalho foi dividido em duas partes, buscando-se assim apresentar ao leitor um desvelamento gradativo da imagem do bairro.

A primeira parte diz respeito a uma montagem das diferentes informações sobre as morfologias físicas, suas relações espaciais e suas diferentes funções no bairro e no contexto urbano. Ao lado disso, os cenários arquitetônicos são analisados, buscando-se as origens das formas levantadas com base nas linguagens presentes em outros bairros de Belo Horizonte.

Já a segunda parte do trabalho busca mapear visualmente a Lagoinha, recuperando-se o caráter qualitativo das imagens. Com base na multiplicação dos pontos de vista e das linguagens dos cenários, os lugares serão escolhidos e descritos. A partir dos elementos

(*) Trabalho desenvolvido na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte sob a coordenação da Secretaria do Planejamento, em 1994, com as seguintes pesquisadoras: Josana Matedi Prates Dias, Tereza Bruzzi Carvalho, Roberta Melachias de Castro.

(**) Professora da Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFMG.

significativos será possível refigurar o vivido do lugar, estabelecendo-se uma integração da imagem e da escritura, percebida ao longo da pesquisa.

Entre as diferentes vozes e os inúmeros olhares procurar-se-á, como análise conclusiva, definir as ambiências que compõem o bairro. As ambiências e a imagem, que conformam um núcleo explicativo de sentido, viabilizam, em última instância, vislumbrar uma refiguração do bairro.

2 A MONTAGEM DO ESPAÇO

“É possível selecionar alguns dados relativos à percepção, montá-los segundo um encadeamento lógico e realizar assim uma constelação que possa ter o senso luminoso do conhecimento.”
(CANEVACCI, M. 1994)

2.1 Morfologias físicas e relações espaciais

• Situação

O bairro Lagoinha situa-se na antiga região, designada pelo Plano Aarão Reis (1894), da VI.ª Suburbana, Vetor Norte. O bairro desenvolveu-se na chamada Esplanada da Lagoinha, junto ao córrego de mesmo nome, tendo o Ribeirão Arrudas como base para sua expansão.

• Limites

A delimitação do bairro, definida no contexto do projeto de recuperação, aponta as seguintes vias (ver Mapa 1):

- Vetor 1: Avenida Pedro II, Rua Mariana, Rua Sete Lagoas e Avenida Nossa Senhora de Fátima;
- Vetor 2: Rua Diamantina, Rua Formiga, Rua Itapeçerica, Avenida José Bonifácio, Rua João Carvalho de Paiva, Rua Itapiranga, Rua Pedro Lessa e Rua Resplendor.

Cumprir notar que o bairro é interceptado por barreiras formadas pelo intenso fluxo de trânsito das avenidas Pedro II e Antônio Carlos. Apesar de a primeira representar, atualmente, uma delimitação, a Avenida Antônio Carlos intercepta o bairro, seccionando-o em duas áreas. A transposição entre as duas áreas vem sendo difi-

uma forma de ocupação diversificada, havendo um número reduzido de edificações verticalizadas. Apesar da versatilidade desses zoneamentos, encontramos registrado no bairro que o potencial de uso foi amplamente explorado. Hoje há um grande número de usos baseados na ocupação mista (residência e comércio), na ocupação residencial, nos galpões (ocupando toda a área do terreno) e nas atividades comerciais. No entanto, fica claro que o potencial de ocupação, permitido por lei, raramente foi explorado. Neste raciocínio, considera-se que este fato, em última instância, contribuiu para a preservação da paisagem local. Por outro lado, pode-se apontar que a não-exploração do potencial de ocupação indica uma certa estagnação na área, ou seja, ao se comparar a renovação de uso do bairro com a do bairro Floresta, também contíguo ao Centro e à própria Lagoinha, percebe-se que houve uma expressiva renovação de uso do segundo. Por outro lado, têm-se atualmente evidenciado na paisagem da Lagoinha sinais de renovação do espaço, que, no entanto, não representam uma efetiva dinamização do bairro. Por exemplo, é relevante o número de galpões implantados no local e de reformas de residências, mas, apesar disso, é inexpressivo o número de habitações verticalizadas e de edifícios de escritórios e similares; além do mais, as residências vêm sendo descaracterizadas pelas reformas. Outro sintoma que também merece destaque está relacionado com a Avenida Antônio Carlos, nos seus primeiros quarteirões. Além da presença de edificações fechadas, sem função social, iniciou-se recentemente a proliferação do número de centros religiosos no local. Estes funcionam em grandes galpões, adaptados muitas vezes através da demolição de residências antes existentes no local.

Concluindo, a Legislação Urbanística não criou, na Lagoinha, um impacto que tenha representado a sua renovação efetiva. Ao contrário, nos quarteirões mais próximos da Área Central, há uma adequação dos espaços para se receber todo tipo de material de segunda mão, principalmente a mercadoria conhecida como “ferro-velho”. Este processo compromete a vida do bairro, dotando-o de uma sub-utilização que transforma o local em um amplo setor de depósito do Centro. O fato contribui para a deterioração dos espaços, evidenciando contrastes internos com a área mais tradi-

cional; além disso, dificulta a deflagração de um processo de dinamização econômica e recuperação urbana como um todo.

2.2 Categorização funcional e espacial do bairro e a inserção no contexto urbano

2.2.1 Os bastidores da cena

Belo Horizonte, fundada em 1897, foi detalhadamente planejada por uma comissão de técnicos especializados, sob a coordenação de Aarão Reis. Engenheiro contratado em 1893 para realizar um estudo voltado para a definição da melhor região para a implantação da Capital, Reis deixou marcas indeléveis no nosso espaço urbano. Em 17 de dezembro de 1893, o Congresso Mineiro, de posse dos estudos de Aarão Reis, promulgou a mudança da Capital para o Arraial de Bello Horizonte. De acordo com a vontade dos dirigentes políticos da época, a planta geral da nova Capital foi apresentada em março de 1895. Constavam da planta três áreas de zoneamento, sendo a primeira chamada Urbana, com 8.815.382 metros quadrados; a segunda área correspondia à Zona Suburbana, com 24.930.803 metros quadrados; a última área, com 17.474.619 metros quadrados, foi concebida para exercer o papel de cinturão verde agrícola de abastecimento.

O moderno traçado da Capital vinculava-se às experiências neoclássicas do urbanismo realizadas tanto na França, quanto nos Estados Unidos. Acompanhando o racionalismo funcional do *design*, vieram também as inovações próprias do urbanismo positivista e higienista. Estas procuravam assegurar, através dos projetos de saneamento, eletricidade, sistema viário e sistema construtivo, as boas condições de higiene, conforto e beleza da cidade. Além do mais, foi previsto, por Aarão Reis, um zoneamento da primeira malha urbana, estando aí evidenciada a gênese da discriminação e segregação social própria do urbano capitalista. Ao lado desta intenção, o zoneamento previa algumas formas de ocupação dos quarteirões e áreas, evidenciando uma tendência clara à especialização de determinados usos e funções.

A Área Central corresponde à primeira zona urbana do plano de Aarão Reis, onde está conformada a base existencial da vida belo-horizontina. As primeiras ocupações e, posteriormente, a expansão das primeiras atividades deram-se na zona urbana. Neste sentido, esta área representa não só o *locus* de formação e consolidação da Capital, mas também o registro petrificado da sua história.

A partir de uma concepção urbanística radiocêntrica, a Área Central adquiriu, ao longo dessas nove décadas, um papel fortemente centralizador. Reforçada por sistemas urbano, viário e econômico que ratificam este quadro, a região como um todo representa um papel decisivo no estudo da expansão e concentração de atividades. É a partir do Centro, grande polarizador de atividades, que os principais intercâmbios são exercidos e vivenciados.

A região da Lagoinha, situada na VIª Suburbana, hoje designada Área Pericentral, sempre recebeu, devido à sua localização, os impactos de crescimento da Área Central. Devido à sua proximidade com a Estação Ferroviária e o Mercado Municipal, o bairro teve, na sua área mais próxima à linha férrea, uma proliferação de hotéis e comércio em geral. No entanto, o fato de a Lagoinha ter recebido estas atividades no seu plano topográfico permitiu a consolidação da sua função residencial, que avançou por toda a colina. Por outro lado, a própria proximidade com a região mais dinâmica da cidade também atuou de forma decisiva para a formação das vilas contíguas ao bairro.

Ao longo dos primeiros sessenta anos de vida da cidade, a Lagoinha, já consolidada enquanto bairro residencial, passou a receber interferências no seu destino. Houve uma forte tendência de crescimento do vetor oeste, onde foi implantado um parque industrial, e do vetor norte, com a criação do Complexo Turístico da Pampulha e inúmeros bairros. *“Concorreram para isto os investimentos públicos que propiciaram maior acesso às áreas norte do município – duplicação do Túnel da Lagoinha, Avenida Cristiano Machado e Avenida Vilarinho, ao norte, e Via Expressa, a oeste”* (PBH, 1994:12).

A Lagoinha, nos anos quarenta, recebeu o impacto da abertura da

Avenida Antônio Carlos, criada para estabelecer a conexão entre a Área Central e a região da Pampulha. A avenida não só seccionou o bairro, como trouxe para o mesmo novos tipos de uso, próprios de áreas de passagem e de intenso tráfego. Além do mais, a contigüidade do bairro ao Centro e a sua localização estratégica levaram o lugar a receber, no final dos anos setenta, todo um complexo viário. Este não só gerou uma série de demolições, como também violentou as representações sócio-econômicas e o meio-ambiente local.

Neste contexto, em termos de adensamento populacional, a Lagoinha apresenta um quadro peculiar. Belo Horizonte conta, atualmente, com mais de dois milhões de habitantes. *"O maior crescimento populacional ocorreu nas áreas de baixa renda, principalmente naquelas onde houve iniciativas públicas de assentamentos habitacionais"* (PBH, op.cit:12). Nas áreas localizadas pericentralmente, no vetor norte, como é o caso do bairro em questão, bem como no chamado Hipercentro (área central mais avançada, onde há maior concentração de atividades), os estudos demográficos apontam para um crescimento populacional negativo. Ainda de acordo com o Plano Diretor, a justificativa principal deste crescimento negativo diz respeito a uma mudança de usos. Bairros como Carlos Prates, Barro Preto, Santa Efigênia, Floresta, Bonfim e Lagoinha apresentam um quadro expressivo de substituição. Desta forma, atividades de comércio e serviços vêm substituindo gradativamente o uso residencial. Por outro lado, as mudanças no padrão das famílias de renda média têm como resultado um crescimento populacional pequeno, mesmo considerando-se as áreas onde houve um aumento de edificações residenciais. Como terceira hipótese, tem-se que em bairros tradicionais, como é o caso da Lagoinha, *"já consolidados com a ocupação unifamiliar horizontal e forte identidade local, ainda há uma certa resistência ao processo de renovação urbana"*. (PBH, op.cit:13).

Considerando-se os bairros acima citados como pertencentes à área pericentral, pode-se afirmar que, no caso específico da Lagoinha, o processo de mudança de uso e do acréscimo do número de domicílios ainda é pouco perceptível. Aquilo que se apresenta como

mais claro é uma certa estagnação e decadência da área onde se localiza o maior número de atividades de serviço e comércio. Além das hipóteses acima apontadas, esta estagnação também é consequência “de assentamentos muito consolidados – alguns deles de baixa renda – e de favelas muito populosas (Pedreira Prado Lopes e Senhor dos Passos). Além disso, o alto volume de tráfego, irregularidades fundiárias decorrentes do processo de desapropriação para a implantação da Avenida Antônio Carlos, bem como a falta de soluções viárias adequadas e investimentos nesta avenida, contribuíram para que a área não fosse dinamizada, ainda que apresente boa localização e topografia. Esta área configura um estoque com possibilidades de renovações futuras, a partir de investimentos públicos, dada sua proximidade com o Central, à semelhança de trechos da região Leste” (PBH, op.cit:26).

2.2.2 Mapeando as atividades

A Região Noroeste, na qual se insere o bairro Lagoinha, compõe a área com grande incidência de pequenas indústrias, configurando uma tradição local. A implantação industrial nesta região vem desde a fundação da cidade, tendo sido a Pedreira Lagoinha a primeira atividade neste setor. Ao lado disso, a região é ocupada por atividades de comércio voltado para a construção civil, de serviços pessoais, de educação e lazer, além de atividades voltadas para veículos.

Concluindo, as atividades que mais incidem na região são as relativas à alimentação, além daquelas ligadas a veículos, comércio de utilidades domésticas e serviços pessoais. Juntamente com a área mais tradicional, formada por Carlos Prates, Santo André, Lagoinha, etc., a região é marcada atualmente pela presença de novos bairros, caracterizando a mesma de contrastes e diferenças.

O bairro Lagoinha representa uma das concentrações de serviços e comércio menos expressivas da região. Ao mesmo tempo, atividades como o comércio de móveis usados e antigos, o comércio atacadista e algumas indústrias semi-artesanais propiciaram um perfil peculiar à área. Além do mais, a localização de atividades de função regional – como a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

de Belo Horizonte, o Departamento de Investigação da Polícia Militar, o Senai, o Hospital Odilon Behrens, as igrejas de São Cristóvão e de Nossa Senhora da Conceição e o Cemitério Bonfim, além da boemia – transformaram o bairro em um centro regional. Neste sentido, a Lagoinha, antes de ser conhecida como uma área de passagem, tem um papel efetivo no contexto urbano, especialmente em relação à área central.

Uma característica relevante da Regional Noroeste é a forma de concentração e espacialização das atividades de serviço e comércio. Diferentemente de outras regiões, a Noroeste apresenta uma forma de espacialização dos serviços ao longo das vias. Neste sentido, há uma quase total ausência de concentrações nucleadas em pontos marcantes dos bairros. No caso da Lagoinha, é notória esta forma de espacialização, sendo que apenas a Avenida Nossa Senhora de Fátima pode ser pensada como uma exceção. Duas décadas atrás esta via era conhecida como Mauá e formava, no encontro das ruas Além Paraíba, Bonfim e Itapeçerica, a Praça Vaz de Mello. Esta reunia um número expressivo de comércio, tendo sido relevante a sua centralidade.

Conhecendo-se o contexto onde se insere o bairro, passa-se, a seguir, à descrição das vias e de suas características marcantes.

A Rua Diamantina compõe o limite extremo do bairro, no vetor oeste/leste. Em termos quantitativos, há um predomínio de residências unifamiliares e prédios de quatro andares que, em grande parte, tiveram sua arquitetura modificada, descaracterizando o local. Mesmo assim, a rua ainda guarda alguns exemplares dos estilos moderno, pré-moderno, neocolonial e eclético. Ao lado dessas características e em termos hierárquicos, a rua é ocupada principalmente por oficinas mecânicas, terrenos ainda sem ocupação, galpões, estabelecimentos de consertos em geral e comércio de autopeças. O número de escolas também é expressivo, recebendo destaque a Fafi-BH – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte (faculdade particular), que ocupa grande parte do quarteirão. Com base nos dados, pode-se afirmar que há um certo predomínio de galpões e atividades semi-atacadistas e

de consertos e reparos. Todos estes serviços ocupam uma grande área, indicando que a rua se encontra sub-utilizada e que praticamente não oferece serviços e comércios voltados para as necessidades cotidianas dos moradores.

De uma certa maneira, as ruas transversais à Diamantina dão continuidade aos serviços nesta encontrados, reafirmando o perfil da área. Na Rua Araxá, por exemplo, há um predomínio de galpões onde funcionam oficinas, capotarias e comércio atacadista de telecomunicação e de informática. Já na Rua Rio Novo, apesar do predomínio da atividade residencial, há um grande número de galpões, além de uma micro-indústria de alimentos. Os galpões são ocupados por comércio atacadista de alimentos, placas e borracha. A Rua Formiga segue a característica da anterior, sendo sua área toda ocupada por depósitos e galpões. A Rua Ubá também é ocupada por galpões que abrigam atividades de comércio atacadista, tais como material de engenharia, autopeças, material de telecomunicação, micro-indústria e material de construção. São característicos, nesta rua, dois casarões que funcionam como hotel, trazendo para ela o caráter familiar.

A Rua Adalberto Ferraz é ocupada por um grande número de residências unifamiliares e multifamiliares. Estas são caracterizadas pelas diversas arquiteturas do cenário típico da Lagoinha, criando um diálogo com as principais vias. É também expressivo o número de galpões que abrigam atividades de gráficos, indústrias semi-artesanais, recuperadora de móveis, ferro-velho, oficina e consertos de eletrodomésticos. A parte da rua, contígua à Rua Diamantina, é intransitável devido à topografia.

A Rua Ruy Lage é totalmente ocupada por moradias unifamiliares, ao contrário da Rua Machado de Assis. Esta é ocupada por pequenos comércios, como armazém, material religioso, biscoiteria, jogo do bicho e bar. A Rua Turvo também é caracterizada por um predomínio de residências uni e multifamiliares. O cenário arquitetônico local reúne exemplares ecléticos, neocoloniais, déco, pré-modernos e modernos, além de residências descaracterizadas. A topografia um pouco íngreme da rua dificultou a implantação de

atividades de serviço e comércio, favorecendo a preservação do casario.

Na Rua Itatiaia, da mesma forma que na anterior, há um predomínio de residências unifamiliares, seguido à distância por atividades tais como escola, mercearia, bar e comércio de roupas feitas. A arquitetura é moderna e pré-moderna. Esta rua tem grande importância no bairro, por ter a Rádio Itatiaia implantada no seu quarteirão. A Rádio de certa forma modifica a ambiência bucólica, atraindo um trânsito maior de veículos e também de pessoas provenientes de outros locais.

A Rua Jequeri, assim como a Rua Fortaleza e a Rua Borda da Mata, é caracterizada pelo predomínio da residência unifamiliar, seguido das residências verticalizadas. O cenário arquitetônico oscila entre o eclético, o neocolonial e o moderno, além de um grande número de edifícios sem estilo definido que, muitas vezes, foram descaracterizados pelas reformas. Já a Rua Adalberto Gualberto é formada por alguns barracões, além de uma micro-indústria de alimento e uma empresa de transporte rodoviário. Esta se encontra em desacordo com a ambiência, obstruindo a seqüência de casario e a convivência entre os moradores. As ruas Pedro Leopoldo, Alexandre Stockler, Elias Mussi e Botelhos são inteiramente ocupadas por residências, em sua maioria unifamiliares.

Um pouco distinta das anteriores, a Rua Comendador Noheme Salomão, apesar do predomínio do uso residencial, é ocupada por diferentes serviços. Devido ao fato de ligar a Avenida Antônio Carlos e a Rua Itapecerica, o seu uso representa uma continuidade. Há um grande número de escritórios, seguido à distância por serviços financeiros, oficinas mecânicas, bar, mercearia e posto de saúde. A Rua Serro, que liga as ruas Itapecerica e Bonfim, também acompanha as características das mesmas. Apesar da primazia absoluta do uso residencial, a rua é ocupada por várias funções, sendo destaque o número de galpões. A Rua Serro é muito conhecida pelo seu cenário arquitetônico, que arquiva para si os exemplares das várias fases da vida no bairro.

A Praça XV, situada no alto da colina, junto à favela, representa o ponto final, o limite do bairro. É ocupada por comércio voltado para a vida cotidiana do bairro. Apesar da existência de um edifício multifamiliar e de algumas residências, a Praça é marcada pelas mercearias, padarias, bares e estabelecimentos de jogo de bicho, além de drogaria e comércio de autopeças. Ela pode ser pensada como o lugar de descanso do bairro, sendo sua ambiência dotada de grande bucolismo.



A Rua Além Paraíba situa-se no “coração” da Lagoinha. O seu traçado retilíneo e ortogonal à Avenida Nossa Senhora de Fátima distingue-se das demais vias. Devido à sua desenvoltura e à ausência de qualquer obstrução topográfica, a via recebe um fluxo intenso de trânsito, inclusive de transporte coletivo. A extensão da via e as suas boas condições facilitaram a implantação de inúmeros tipos de serviços e comércio. O uso residencial unifamiliar, seguido do multifamiliar, representa, quantitativamente, a primazia. No entanto, pode-se constatar que, do início da via, junto à Avenida Nossa Senhora de Fátima, até a esquina com a Rua Turvo, a via vem sofrendo modificações gradativas. As residências vêm cedendo espaço para atividades como comércio de material elétrico, concerto de calçados, drogaria, serviços de representação, serviço institucional, serviços de saúde. Ao lado disso, algumas atividades vêm se destacando na via, como as gráficas, o shopping, bares, cortiços e atividade existencial. A Igreja Nossa Senhora da Concei-

ção é considerada a referência principal do bairro. As modificações de uso comprometem não só a ambiência local, mas também o arcabouço arquitetônico da rua. Reunindo o acervo mais significativo do bairro, ao lado da Rua Itapecerica, seu cenário vem sendo gradativamente desmontado.

A Rua Itapecerica, ao contrário da anterior, teve seu traçado adaptado às condições topográficas. Apesar da incidência de moradias unifamiliares, sobrados, edifícios verticalizados e cortiços, a rua é caracterizada pelo comércio varejista. Funcionando como o principal ponto do bairro, a rua tem o seu comércio voltado para vários setores. O mais importante e tradicional é o comércio de móveis usados, novos e antigos. Esta atividade ocupa principalmente os três quarteirões iniciais da via. Ao lado disso, a via é ocupada por hotéis, motel e comércio de objetos de segunda mão, como roupas feitas, eletrodomésticos, autopeças e ferro-velho. Além do mais, os serviços financeiros e institucionais, escolas, bares, lanchonetes e restaurantes complementam a paisagem local. Como elementos marcantes, pode-se apontar a localização de uma vila habitacional, do Hospital Odilon Behrens, do Grupo Escolar Silviano Brandão e do Departamento de Investigação. A Rua Itapecerica é caracterizada por um grande número de edifícios pré-modernos de até quatro pavimentos. A via também apresenta o acervo mais significativo das arquiteturas eclética e déco. Atualmente, o seu cenário vem sendo descaracterizado, fato que muito contribui para a decadência de sua imagem.

A Rua Bonfim é conhecida por ligar a Área Central ao Cemitério de mesmo nome, razão pela qual esta via sempre teve o seu uso e ocupação dificultados, encontrando-se hoje estagnada. Este fato é consequência do grande número de estabelecimentos de ferro-velho, oficinas, atividades semi-industriais, terrenos, garagens e galpões. Ao lado destas atividades, há uma grande incidência de residências unifamiliares e de edifícios com mais de dois pavimentos. É relevante destacar o comércio atacadista de carnes, localizado no início da rua, assim como os serviços voltados para o Cemitério. Em termos de cenário arquitetônico, este se encontra bem descaracterizado, com grande incidência de prédios em ruínas e

prédios sem estilo. A Rua Paquequer, localizada entre a Rua Bonfim e a Avenida Pedro II, encontra-se totalmente descaracterizada. Antiga zona boêmia do bairro, a rua sofreu uma drástica mudança de uso, que levou a um rompimento com tão antiga tradição; atualmente, apenas um prédio é ocupado por tal atividade. A Avenida Pedro II, na parte em que se encontram os seus primeiros hotéis, é caracterizada por comércio de ferro-velho e autopeças, retífica, auto-escola, bar, mercearia, etc. A avenida não possui uma unidade, sendo que a sua fragmentação se deu devido à sua condição de espaço de transição.

A Avenida Antônio Carlos também pode ser caracterizada, nos seus primeiros quarteirões, como a anterior. A proximidade do complexo viário contribui para dificultar a permanência de atividade e pessoas. Edificações fechadas, bares e igrejas compõem a principal função da avenida. No entanto, ela é ainda ocupada por um grande número de comércio atacadista, como de móveis, louças, calçados, material de construção, motores, placas, caixas, material para lanchonetes, etc. A avenida, nesses primeiros quarteirões, é fortemente marcada pela presença do Mercadinho da Lagoinha, Fafi-BH, do Senai e do conjunto IAPI. Este último caracteriza-se por uma arquitetura moderna e, juntamente com os prédios da Mercedes Benz e do Departamento de Investigação, forma um expressivo acervo da estética modernista.

Concluindo, pode-se afirmar que a Lagoinha se constitui em um centro urbano de pequeno porte. Nos seus espaços está distribuído um grande número de serviços, que, em parte, tendem a uma especialização. Os galpões, serviços institucionais, comércio de objetos de segunda mão e comércio atacadista caracterizam a representação econômica do bairro. Neste raciocínio em termos econômicos, sabe-se que, quando ocorre uma especialização no espaço urbano capitalista, esta é resultado de centros urbanos consolidados. No caso da Lagoinha, mesmo que não conote um dinamismo econômico, esta especialização está necessariamente vinculada a um pólo já saturado. Considerando-se todos esses fatores, percebe-se que a especialização dos serviços está dialogando com o centro tradicional. Devido à proximidade de ambas as áreas e na me-

didada em que o Centro representa a principal concentração terciária da cidade, a Lagoinha, enquanto bairro pericentral, vem redirecionando sua vocação. Levando em conta a ausência de um perfil econômico dinâmico, que possa absorver a mão-de-obra local, o bairro vem "emprestando" a sua área para a expansão de algumas atividades antes localizadas no Centro. Uma vez que o preço da terra no local encontra-se altamente valorizado, atividades que demandam grandes áreas e que não apresentam alta rentabilidade vêm sendo expulsas do Centro. Neste passo, a Lagoinha, devido à sua estagnação, oferece o estoque de áreas, cujos valores alcançam os índices das do Centro, para funcionar como uma expansão econômica invertida, isto é, enquanto os índices de renda do solo na Lagoinha forem menores do que os do Centro e enquanto houver o incremento constante de áreas disponíveis, este processo continuará ocorrendo.

A área do Centro mais próxima ao bairro, também vem passando por uma modificação de uso. Como um local historicamente relevante, vivencia atualmente as ruínas causadas pelo tempo. A vida boêmia, que já teve nos clubes, cabarés e hotéis uma intensa efervescência, hoje se encontra em plena decadência. Com relação ao setor terciário, tem-se um quadro de estagnação. Prédios e residências em geral são transformados em galpões ou igrejas de grande porte. Nos últimos anos, os investimentos mais representativos estão vinculados ao setor hoteleiro. Ademais, uma área de tal importância simbólica, merece e clama por uma revitalização. Somente a partir da revalorização dos seus espaços e da vida local, recuperará as suas representações, que marcaram a história da cidade.

Buscando-se concluir, que a sub-utilização das áreas do Centro, próximas ao bairro, vem penetrando no local e, com isso, exercendo nele uma influência pouco favorável. Todas as características do Centro que marcavam, ao mesmo tempo, a Lagoinha até meados dos anos sessenta estão hoje fragmentadas. Neste passo, uma recuperação do bairro pressupõe buscar, nas histórias dessas áreas, os elementos em comum que promoviam as mesmas, criando uma autonomia econômica. Bares, restaurantes típicos, comércio

de segunda mão de qualidade podem, quem sabe, promover esses espaços a um novo dinamismo econômico e social. No entanto, deve-se enfatizar que a comunidade, sua vida, costumes e tradições deverão ser preservados. A garantia de permanência dessas famílias é condição básica para o sucesso da ação.

2.3 Cenários arquitetônicos como um arquivo do passado

O olhar lançado sobre a Lagoinha evidencia um jogo não só de códigos visuais, mas também de linguagens e signos. A arquitetura, como dimensão iconográfica da experiência urbana, reúne de forma singular as camadas arquetípicas do passado. Neste contexto, conhecer a ordem visual das construções e signos do bairro significa mergulhar no arquivo labiríntico do absolutamente visível, para se chegar aos labirintos de sua história. Observando-se seus cenários, encontra-se nada mais que uma polifonia, em que convivem “velhas pedras”, renovadas ou não, e espaços refigurados, ligados às novas apropriações. Estão representados na imagem tantos os fantasmas do passado como os imperativos do presente. Nas suas passagens, múltiplas fronteiras separam as épocas, os grupos e as práticas e o que prevalece são as trocas entre memórias diversas, relacionadas a diferentes tempos (LEMOS, 1988).

Entre olhares e vozes, o percurso nas vias do bairro sugere uma passagem de Walter Benjamin: “*Antes de se conhecer a própria Moscou, é Berlim que aprendemos a conhecer através de Moscou*” (BENJAMIN, apud CANEVACCI, 1973). Neste sentido, os cenários da Lagoinha podem ser adotados como uma lente ótica através da qual poderão ser captados fragmentos de imagens belo-horizontinas. Portanto, o bairro torna-se um filtro da memória, onde os espaços visíveis e permanentes remetem as atividades perceptivas para o não-lugar, o não-desenhável. Captar a “intimidade” e a “internidade” é fazer desaparecer as formas e os contornos nítidos da sua história.

2.3.1 Cena I – O eclétismo como cenário primordial

As primeiras ocupações evidenciadas na Lagoinha remontam à passagem do século. De acordo com Abílio Barreto, estas poderi-

am ser designadas como cafuas e foram ocupadas pelos operários da construção da cidade. As cafuas eram barracões abertos, com telhado e zinco e vedações de pau-a-pique ou tijolo de barro, e, geralmente, eram pintadas de tintas branca. Na medida em que se iniciou o processo de urbanização, as cafuas foram sendo substituídas, surgindo o cenário eclético de residências no local. Tanto o ecletismo quanto o neoclassicismo estiveram presentes na época da fundação da cidade. Não só o traçado urbanístico, mas também o palácio, as secretarias e as moradias foram concebidos neste sentido. As casas-tipo, projetadas pela Comissão Construtora, eram caracterizadas por várias ordens históricas. A implantação e sofisticação da fachada eram diretamente proporcionais à posição do morador, na hierarquia social e econômica da sociedade em formação. Desta maneira, o rebuscamento das fachadas dependia da importância social do morador, tendo sido construídas por fachadistas especializados. Para Pedro NAVA, as *"castas da Cidade de Minas tinham sido demarcadas duramente pelo número de janelas das fachadas das casas dos funcionários. Dos intocáveis dos pardieiros A aos desembargadores dos palacetes F de inumeráveis janelas. Sem mistura, cada um no seu lugar (...)"* (NAVA, 1985).

Observando-se o cenário da Lagoinha, constata-se que há um predomínio de casas-tipo A e B. Como um bairro localizado bem distante da região nobre da época, o poder aquisitivo dos moradores permitiu apenas as soluções mais simples. Assim, tem-se no bairro, em sua maioria, a *"construção da residência em pavimento único, no alinhamento da via pública (...)"* (SALGUEIRO, 1987).

Em termos de implantação, esta se dava de forma elevada, criando um porão, propiciando maior salubridade à casa. O acesso à residência geralmente dá-se pela entrada lateral, com ou sem varanda, ou no centro da fachada. A cobertura, em telha francesa, de duas ou quatro águas, fica protegida pelos frontões e platibandas. Estas, em alvenaria, são *"marcadas por apainelados de massa, ora em balaustrada, com compoteiras, pináculos (...)"* (SALGUEIRO, op.cit). As janelas são retangulares ou em arco pleno, muitas vezes acompanhadas de vidros coloridos. A maioria das fachadas é valorizada por cornijas e ornatos em estuque.

São poucas as residências, na Lagoinha, caracterizadas como sobrado, da mesma forma que é reduzido o número de implantações afastadas da via pública. Entre as recuadas, destacam-se alguns exemplares pitorescos, conhecidos como chalés ou bangalôs. Geralmente com varandas laterais, janelas retangulares, os exemplares marcavam o seu destaque pela cobertura. O jogo de telhados, com acentuada inclinação, promove o acabamento da fachada, eliminando os frontões e as platibandas. O partido adota um diálogo entre a varanda lateral e o outro lado da fachada, centralizado pela janela e pelo formato do segundo plano do telhado. As varandas e os telhados são emoldurados por lambrequins, sugerindo leveza e bucolismo ao ambiente. Estas varandas, na Lagoinha estão valorizadas pelo paisagismo dos jardins, criando uma conexão entre a cidade e o campo. Vale a pena destacar no panorama do bairro os bangalôs, a Casa da Loba (Rua Itapeperica) e a capela do Cemitério Bonfim. Grande parte desta arquitetura foi descaracterizada, não havendo, por parte do morador, a preocupação em preservar este acervo de época.



2.3.2 Cena II – O neocolonial e o direito ao “bem viver”

Enquanto o ecletismo adotava fachadas acadêmicas, cujo frontão tentava esconder o resto da casa, o neocolonial representava uma revisão desses valores. A idéia de imitar estilos nobres europeus manteve-se em Belo Horizonte até o final da Primeira Guerra Mundial. Especialmente no bairro Lagoinha, o neocolonial representa a renovação desse panorama, valorizando a idéia de urbanidade própria da vida interiorana. De uma maneira, pode-se admitir que o neocolonial, no Brasil, representou “*uma tomada de consciência, por parte dos brasileiros, das possibilidades do seu país e da sua originalidade*” (BRUAND, 1981:52). No entanto, este movimento teve como precursores dois estrangeiros radicados no país – o francês Victor Dubugras e o português Ricardo Severo. Este movimento espelhou-se na arquitetura civil portuguesa dos séculos XVII e XVIII que, inclusive, deu forma à arquitetura religiosa (BRUAND, op.cit:53). Além do mais, o neocolonial também adotou influências muçulmanas e romanas, além do espírito *art nouveau*. O movimento foi consolidado em 1922, na Exposição Internacional de São Paulo, tendo sido utilizado, mais intensamente, na construção de residências.

Portanto, o movimento significou um rompimento com o ecletismo, inaugurando no Brasil o sentido da inovação técnica, do sistema construtivo e da utilização de novos materiais. Lúcio Costa, entre outros, integrou a última geração deste movimento, tendo adotado uma postura crítica sobre o mesmo. Na sua opinião, o movimento não deveria se ater apenas à interpretação literal da arquitetura colonial; achava que a importância do movimento “*era a de ter trazido, principalmente para a construção civil, uma resposta satisfatória aos problemas decorrentes das necessidades da época; portanto não bastava tomar de empréstimo seu vocabulário arquitetônico – era preciso também transpor sua perfeita lógica interna em termos contemporâneos*” (BRUAND, op. cit:58). Isto representou o primeiro passo para a chegada da arquitetura modernista dos anos quarentas.

A Lagoinha, alcançou, na década de 30, um aumento de construções que partiram inicialmente do neocolonial. De acordo com Sylvio de Vasconcellos, esta década e a seguinte são marcadas pela

proliferação de modismos na arquitetura. Os bangalôs, já mencionados, as soluções neocoloniais e o estilo conhecido como marajoara foram amplamente adotados em Belo Horizonte. O neocolonial seguiu as linhas estabelecidas principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Ao lado disso, o neocolonial estabeleceu um diálogo com álbuns estrangeiros e cenários de filmes latino-americanos. Neste contexto, o neocolonial diz respeito não só às referências luso-brasileiras, tendo posteriormente se adaptado principalmente ao panorama da arquitetura mexicana. As características foram sendo estilizadas e codificadas, integrando, posteriormente, padrões e modelos de construção divulgados em revistas especializadas.

A Lagoinha reúne um grande acervo do neocolonial, tendo as suas formas mais simplificadas. Mesmo assim, reproduzia em suas paisagens um pouco do sonho vivido no mundo do cinema. Evidenciam-se três modelos principais deste estilo no bairro: o primeiro reúne dois planos de telhados de duas águas, incorporando uma varanda apoiada em arcos de dimensões diferenciadas; já o segundo modelo adota o primeiro, de forma simplificada – geralmente possui apenas um telhado de duas águas, arrematado na fachada por frisos, e distribuição das telhas representando o acabamento. A terceira modalidade é formada por um telhado de duas águas não aparente, permanecendo embutido no frontão; este integra a varanda em arco e, na sua extremidade, cria uma composição de frisos arrematados com a telha canal, simulando um jogo de planos de telhado. Muitas vezes, a superfície da fachada é composta por uma textura *sui generis*. O seu plano é também tratado por pedras aplicadas de forma irregular e, em todas as modalidades ocorre a simulação de uma chaminé. Esta estética no panorama permitiu uma maior internidade do bairro, sugerindo que a casa, mais conhecida como “mi casita”, representava um lugar feliz para se viver.



2.3.3 Cena III – O déco e a manifestação cubista da forma

A arquitetura *Déco*, integrada no movimento mais amplo do *Art Nouveau*, esteve presente por todas as partes urbanas brasileiras, principalmente entre 1935 e 1945. Belo Horizonte em pleno crescimento, como não poderia deixar de ser, passou a receber, desde a década de 20, os modismos, bem como novas técnicas construtivas. Nos anos trinta, o panorama urbano foi renovado não só por este modismo, mas também pela chegada do edifício verticalizado. Tal experiência é chamada por Sylvio de Vasconcellos de cubismo, “estilo pó-de-pedra” ou “caixa de fósforo”. Mesmo considerando-se as críticas que questionam a designação *déco* para alguns modismos, “foi comum a todos eles o intento de racionalizar o cubismo (...)”. O procedimento foi muitas vezes diferente nos vários grupos, porém todos tendiam para a racionalização ao penetrar na arquitetura” (GIEDION, 1982:460).

No caso de Belo Horizonte, uma cidade planejada, o movimento

Déco culminou na busca das formas elementares da arquitetura, como as linhas, superfícies, volumes que estavam ocupando seu espaço na paisagem.

O *Déco*, em termos de concepção plástica, denotou na Capital um diálogo com o neoplasticismo holandês e com a arquitetura do holandês Gerrit Rietveld e do judeu-russo Warchavchik. Ademais, a vinda para a Capital dos arquitetos italianos que fundaram a Escola de Arquitetura possibilitou a renovação definitiva da paisagem. Com o *Déco* surgiram o Palácio da Municipalidade, a Feira de Amostras e o Cine Brasil, entre inúmeros sobrados localizados principalmente na área central (LEMOS, 1988).

A Lagoinha tornou-se um palco especial desta experiência, apresentando um grande número de sobrados e de edifícios com dois a quatro pavimentos. O *Déco* também está presente nas residências unifamiliares, compostas por fachadas geometrizadas e adornadas por frisos e nervuras. Com base na arte bidimensional, em que o plano esconde o volume, o *Déco* “prestava-se à cenografia, cujo sistema de signos permite economicamente a absorção da informação nova” (PIGNATARI, 1980).

O neoplasticismo está presente, no bairro, nas ruas Além Paraíba e Itapacerica, recuperando o brilho e as tonalidades fortes do cinza e o rosa escuro, propiciados pelo pó-de-mica.

Paralelamente a todas estas manifestações, no início dos anos quarenta chega ao bairro a arquitetura de estética já desprovida do ornamento *déco*. Esta, em sua maioria, adotou a função residencial e dois a quatro pavimentos. Através dos planos rígidos de fachada realçando a estrutura de sustentação, o pré-modernismo redefine a imagem local. Além da racionalização da planta, preconizou o ritmo e a harmonia, pela distribuição das janelas, já produzidas em série. O pré-modernismo, que deu base a um tipo específico de postura modernista, tem seu exemplar mais representativo no Conjunto Habitacional IAPI, construído em 1948. Contíguo ao bairro, o conjunto estabelece uma similaridade com o Hospital Odilon Behrens, que ainda guarda princípios do *déco*.

A eliminação do ornamento e as novas técnicas e soluções construtivas, aliadas aos imperativos da racionalidade, anunciam a chegada da experiência modernista no local.



2.3.4 Cena IV – A aventura modernista como manifestação dos modismos

O Movimento Modernista chegou a Belo Horizonte por intermédio do então prefeito Juscelino Kubitschek. Buscando dinamizar a Capital em termos sócio-econômicos, Juscelino, em 1942, ousou sonhar uma estética que pudesse representar tal inovação. Neste contexto, o prefeito convidou o arquiteto, na época recém-formado, Oscar Niemeyer, para planejar a construção do Complexo Turístico da Pampulha. O arquiteto recuperou parte dos princípios da arquitetura modernista da Bauhaus e de Le Corbusier. A superfície curva predomina nos projetos da Pampulha, o que, para Niemeyer, poderia suscitar “emoções diversas”. Pensava que o concreto armado garantiria essas formas, defendendo “*uma arquitetura toda feita de sonho e fantasia, de curvas e grandes espaços livres, de balanços extraordinários*” (NIEMEYER, 1985:45). Com a inscrição de novos princípios, procurou “*uma arquitetura que exprimisse o arrojo da nova técnica e a revolução que vai marcar a história de construir*”.

No início dos anos quarenta, o painel da arquitetura de Belo Horizonte é formado especialmente pelas linguagens *déco* e pré-mo-

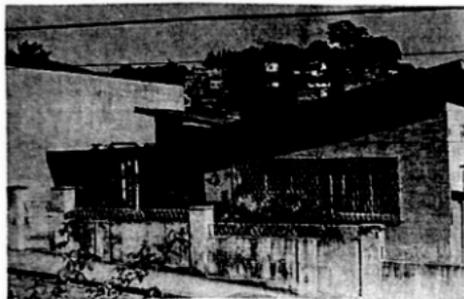
dernista. Nota-se claramente que, enquanto o espírito de vanguarda de Oscar Niemeyer trazia para Belo Horizonte os princípios modernistas, a cidade – e especialmente a Lagoinha – vivenciavam as linguagens vigentes anteriormente. Apenas a partir da década de 50 as novas soluções, racionais e funcionais, e a adoção dos *pillotis*, *brise-soleil* e paredes de vidro entraram em cena.

A arquitetura enquanto “máquina de morar” representava, na época, o projeto de se construir o futuro. De forma padronizada, a partir de modelos divulgados em revistas, os prédios e residências são revestidos de pastilhas de várias tonalidades. Os *halls* são decorados com painéis e espelhos, as varandas vedadas por cerâmicas vazadas e emolduradas por colunas coloridas de pequena dimensão. A funcionalidade do projeto e os artifícios decorativos, como os arremates do teto em estuque, as cerâmicas vitrificadas e os móveis pés-de-palito compunham o arsenal pop da sociedade de consumo em emergência. É todo um mundo ostentatório e artificial, que vai definir as fantasias do espaço modernista. Surge na Lagoinha toda uma arquitetura produzida em série, transformada em modelo/mercadoria fetichizados. Esta representou uma forma de inserção do bairro no mundo voltado para os novos artifícios, onde o viver significa estar em consonância com o funcional e o novo.

Até meados dos anos sessenta, a arquitetura modernista tem, distribuídos no bairro, inúmeros exemplares desta representação pop, estando distanciada das soluções mais ortodoxas. É possível detectar na paisagem alguns exemplares do modernismo das “*praire houses*”, de Frank Lloyd Wright. Estes, através da complexidade do jogo de volumes e do movimento dos planos dos telhados, sugerem maior solidez. Contrariamente à efemeridade dos volumes geométricos, concebidos de forma assimétrica, residências wrightianas restituem o direito ao “morar bem” interiorano dos tempos do neocolonial.

O panorama do bairro, nos anos subseqüentes, evidencia uma total ausência de estilos e características. A Lagoinha recebeu, nesta época, um número bem reduzido de construções, surgindo o pe-

riodo das renovações das antigas residências. Entre a ausência de estilo e as reformas sem critério, o bairro sobreviveu. No compasso do tempo, através de cadências diferenciadas, o cenário sintomiza algumas insinuações pós-modernas. Porém, nos quarteirões mais próximos ao Centro, a artificialidade pop do modernismo, o mistério do *déco*, o bucolismo do neocolonial e a elegância do eclético cedem passagem para uma paisagem descaracterizada. Da imaterialidade das ruínas pode nascer a cena refigurada do mundo que virá.



3 A IMAGEM E A ESCRITURA

“Se a tecnologia arquiva o passado para se transformar em apologia do existente, a recordação é o que preserva o melhor do que foi e o melhor do que pode ser.” (MATOS, O. C. F., 1993)

3.1 Alguns fragmentos do passado

A designação Lagoinha veio do córrego de mesmo nome, situado na VIª Zona Suburbana da Planta Geral da Cidade de Minas (hoje Belo Horizonte), criada por Aarão Reis. Situada no vetor norte, a região recebeu as primeiras ocupações antes da inauguração da cidade, em dezembro de 1897. Apesar do seu caráter essencialmente rural, assumiu um papel importante no período da construção da cidade, devido à atividade de exploração de pedra e calcário. De acordo com Abílio Barreto, por volta de julho de 1897 foi criada uma linha férrea para “servir à pedreira da Lagoinha, com a

a extensão de 1.300 metros, entroncando-se, antes de atravessar o canal do Arrudas, com o ramal da pedreira da Viação, juntando-se, depois, os dois ramos, na Praça do Mercado, com o do Morro das Pedras” (BARRETO, 1928:457). Ao lado disso, ainda no ano de 1896, o governo distribuiu no mercado imobiliário dez lotes na Seção VI, próxima à Praça do Mercado. Esta medida, do então Presidente do Estado Crispim Jacques Bias Fortes, representa os primeiros sinais de ocupação da área. Neste contexto, a Lagoinha constitui uma das regiões mais antigas da cidade. Após a fundação da cidade, em dezembro de 1897, o caráter bucólico e campestre da região começou a adquirir feição urbana, havendo uma redefinição expressiva das suas relações e práticas sociais.

Como área propícia à expansão da zona urbana, apesar da barreira existente representada pelo Ribeirão Arrudas, a Lagoinha logo teve sua vocação retificada por usos e ocupações diferenciadas. Apesar do predomínio da função residencial, o bairro, devido à proximidade do Mercado Municipal (onde se localiza, hoje, a Estação Rodoviária), passou a evidenciar uma função comercial.

À medida que ao longo das primeiras décadas, ia revelando contrastes paisagísticos e funcionais, o lugar ia se impregnando de inúmeros sentimentos. Os protagonistas desta ocupação vieram de vários lugares, soterrando, na Lagoinha, suas marcas, que permaneceriam por um longo tempo no lugar. Como uma região de fácil acessibilidade, foi socialmente ocupada pelos operários que participavam da construção de Belo Horizonte. Estes grupos eram formados por várias descendências, uma vez que a nova Capital tornou-se, no final do século, um relevante centro de absorção de mão-de-obra. Entre os operários, estavam os grupos descendentes dos escravos alforriados, que vieram principalmente de Ouro Preto e Sabará. Ao lado desses grupos, representados pelo forte caráter religioso e cultural, recebeu estrangeiros, como italianos, que ocuparam inicialmente as glebas agrícolas do lugar. Logo depois, passou a ser ocupada por uma população oriunda do interior de Minas. A vizinhança com a Praça da Estação e com o Mercado Municipal, ao lado do baixo custo dos serviços, promoveu o lugar a uma alternativa segura para os setores menos privilegiados da população.

Ao lado do seu estilo de bairro essencialmente familiar, evidenciado pelo seu acervo arquitetônico e vida bucólica, o local veio assumindo, durante as décadas de 40 e 50, outras características. Estas, por sinal, estão relacionadas com alguns estigmas, que se mantêm até nossos dias. Além das favelas que surgiram na região, uma parte do bairro tornou-se uma das principais zonas boêmias de Belo Horizonte. Mais uma vez, a proximidade com a Estação Ferroviária entrou em cena, impulsionando a implantação, na Lagoinha, de várias pensões e hotéis. A proliferação destas atividades também foi relacionada à proximidade do bairro com o Centro. A contigüidade e a versatilidade do seu carácter facilitavam os deslocamentos das pessoas, atraindo para a área aqueles que passavam por Belo Horizonte, como os viajantes, ambulantes e aventureiros.

Proveniente de outras regiões do Estado e das cidades próximas, esta população levou para o bairro a boemia de suas cidades, elegendo-o como o *locus* por excelência da deambulação. As inúmeras possibilidades da noite contrastavam com o período diurno, que tinha como missão "redimir" a Lagoinha de todos os seus pecados.

Todas as manifestações do vivido do lugar, somadas, propiciaram uma ordem simbólica peculiar. A experiência nos seus espaços sugeria uma inquestionável vida cidadina interiorana. A ausência de interditos, estimulando o ir-e-vir, e os laços existentes entre moradores e visitantes fizeram do cotidiano uma experiência fantástica. Como uma pequena cidade, tudo era possível – as crianças circulavam com as famílias pela zona boêmia, da mesma forma que a igreja era freqüentada pelos mais variados grupos sociais. Neste sentido, a Lagoinha dos anos trinta, quarenta e cinquenta era formada por uma comunidade onde a própria diferença transmutava-se em húmus da sociabilidade.

Com base nestas referências, pode-se perceber que o bairro é marcada pela idéia de um passado feliz. As várias reminiscências registram que a vida local teve, no Clube Fluminense e no Campo

de Futebol Pitangui, os seus pontos principais de recreação e lazer. Entre as torcidas de futebol e os bailes do clube nasceu o bloco caricato carnavalesco do Leão da Lagoinha. Os encontros de fim de tarde e noturnos também aconteciam na Feira de Amostras (atual Estação Rodoviária), que reunia um conjunto de atividades lúdicas e culturais, voltadas para toda a população.

As virtudes rurais e interioranas permaneceram também através do forte caráter religioso do bairro. Como inscrição significativa da ordem do simbólico, o rito cotidiano religioso manifestava-se através dos cerimoniais e festas. As procissões, festas da Santa Padroeira, celebrações de casamentos e missas, além dos cultos de origem africana, compunham as modulações do sagrado. Juntamente com estas vivências, os ritos fúnebres, mesmo não incorporados ao *modus vivendi* local, integram o quadro de lembranças da comunidade. A localização do Cemitério Bonfim junto ao bairro acabou gerando uma integração do mesmo com as demais áreas da cidade, especialmente da Zona Sul, relativizando a separação entre ricos e pobres; criou uma nítida separação, evidenciada por uma espécie de sociabilidade às avessas. Neste raciocínio, os ritos funébreos estabelecem um diálogo com as festas sazonais e rituais, principalmente as relacionadas com o carnaval e as da deambulação noturna.

Tanto a vida boêmia quanto esses ritos integram uma ordem simbólica, alternativa àquelas próprias da comunidade local. Por outro lado, os ritos encerram uma reciprocidade com o vivido, permanecendo como um elemento da ordem existente. Neste sentido, *“a ritualização festiva, a morte e a vida se apresentam em sua ambivalência e em sua complementariedade”* (MAFFESOLI, 1985:91). Neste raciocínio, a Lagoinha é *“habitada”* pela idéia de mônada humana, onde nem um nem outro elemento é negado, *“mas percebido como momentos de um todo que nada finalmente pode abalar”* (MAFFESOLI, op.cit:91).

Em termos econômicos, o bairro teve várias vocações, desde a inauguração da cidade. De uma região onde estava instalada a Pedreira Lagoinha, em 1896, participando de forma efetiva da constru-

ção da cidade, o bairro assumirá novas características. Na medida em que adquiria feição urbana, nasciam no local atividades de comércio e serviços, que redefiniram o cotidiano do lugar. Essas atividades foram impulsionadas com a abertura da Avenida Antônio Carlos (complementação da antiga avenida Pampulha), em 1938. Ao lado da abertura da via, a própria dinamização da região da Pampulha contribuía para a renovação da vida urbana do bairro. Entre as atividades mais tradicionais, pode-se destacar o comércio de móveis novos e usados e atividades industriais de pequeno porte, como gráficas, oficinas de consertos e reparos, além do comércio atacadista.

Mesmo considerando a presença das atividades comerciais e de serviços, a participação da Lagoinha no contexto urbano foi especialmente marcada pela Feira dos Produtores, criada nos anos sessenta. Situada entre as avenidas do Contorno e Nossa Senhora de Fátima (antiga Mauá), a Feira constituiu-se, até 1980, na condição econômica fundamental do bairro, oferecendo, a baixo custo, gêneros alimentícios, objetos e utensílios domésticos, além de todo tipo de mercadoria própria de um mercado popular. Pode-se apontar que esta Feira tornou-se a condição principal de sobrevivência da população local. Além disso, oferecia, também, oportunidades para os fazendeiros e sitiantes que moravam nas cidades vizinhas a Belo Horizonte. Com toda esta riqueza, a Feira atraía consumidores provenientes tanto da cidade, como das cidades vizinhas, caracterizando efetivamente do cotidiano do lugar.

Para se ter uma idéia, o quadro urbanístico da Lagoinha, nos anos setenta, informa-nos sobre uma realidade totalmente diferente da que hoje conhecemos. A vida do lugar era fortemente pontuada pelo bucolismo e pela sociabilidade. As tradicionais famílias conviviam de forma harmônica com a zona boêmia e a Feira dos Produtores. Os traços religiosos e folclóricos eram compartilhados por todos os grupos, sendo que as famílias conformavam estreitos laços de boa vizinhança.

O comércio da região situava-se principalmente na Avenida da Nossa Senhora de Fátima, próximo da Feira dos Produtores. Nes-

te contexto, as famílias mais tradicionais faziam do “circular” pelo bairro a condição da sua urbanidade. Enquanto isso, as populações mais simples, oriundas do interior, tiveram na tranquilidade do bairro a espacialização das suas lembranças.

Concluindo, o bairro da Lagoinha, até 1980, foi significativamente marcado pela vida festiva e espontânea do interior. Ao som da banda, no seio das festas juninas e do reisado, sob as bênçãos de Nossa Senhora da Conceição, nasceu no bairro uma estrutura de sentimento que oscilava entre a inocência do campo e o vício da cidade. Entre as convenções de religião e família e a realidade dos que passavam pelo lugar, a Lagoinha tornou-se um espaço social excepcional.

Contudo, o deslumbramento e o forte apego que a população tinha pelo bairro não se fizeram valer, diante do desenvolvimento urbano de Belo Horizonte. Os anos oitenta anunciaram novos tempos para a região. A Feira dos Produtores fora transferida e o seu prédio caíra, em nome do progresso. As pedras soterradas no lugar foram – e ainda estão sendo – retiradas, uma a uma. A Lagoinha nos anos oitenta não é mais a mesma.

Hoje, observando-se a paisagem local, é possível perceber a fragilidade crescente, impulsionada por um período de deterioração. O comércio varejista de boa qualidade abandonou o local, havendo um predomínio das atividades de atacado. O comércio de móveis usados ainda permanece; no entanto, a qualidade da mercadoria é heterogênea. À medida que o bairro redefine a sua base econômica, os seus antigos estabelecimentos vêm sendo sub-utilizados. Ao lado do comércio de todo tipo de objetos e sucatas, pode-se apontar que grande parte das residências está perdendo a vitalidade. Há uma clara tendência à extinção das áreas habitacionais. Apesar de sutil, esta tendência vem se manifestando, hierarquicamente, na Avenida Nossa Senhora de Fátima, seguida da Rua Itapeçerica, Avenida Pedro II e Rua Além Paraíba. Como se não bastasse, até a zona boêmia da Lagoinha reduziu sua força, ultimamente. Estas atividades, da mesma forma que o comércio mais tradicional, transferiram-se para as imediações das ruas Guaicurus e Gua-

rani e Avenida Paraná. Neste sentido, o ritual do lugar foi interrompido, fato que ameaça a população que ainda reside no local.

3.2 Mapa visual dos lugares

"A rua é a montagem. Percorrê-la significa atravessar tempos diversos no mesmo espaço, ou seja, espaços diversos ao mesmo tempo". (CANEVACCI, M. 1994)

Há uma realidade "sobre-urbana" no bairro da Lagoinha, invisível, mas que deve sua existência aos moradores e ao seu passado. De acordo com a história que se acumula no lugar, o mistério do passado emerge, dando sentido ao presente. Esta é a ressacralização do lugar, que a cada instante é recriada e reativada através da exposição dos elos existentes entre os homens e os espaços (SANSOT, 1973:54).

O andar insistente pela Lagoinha permite reconhecer os ritmos e as cadências pelas quais o sagrado é retido nos espaços. Neste contexto, pelos passos dos seus moradores será possível captar as nuances e essências pelas quais o bairro se abre para o mundo. A seguir estão delineados os fragmentos condensados das três principais vias que compõem o bairro. Estas se insinuam pelo *"duplo intercâmbio entre o sacro e profano, por cujo intermédio um se transforma no outro"*. (CANEVACCI, 1993:134).

3.2.1 Pelos quarteirões da Rua Itapecerica

A Itapecerica representa a rua-chave para o entendimento da Lagoinha. Nos seus quarteirões emergem os sinais que permitem mapear qualitativamente a experiência local. A rua é formada por sinuosidades e aclive suave, sendo a sua ocupação diferenciada ao longo dos quarteirões. O seu nascedouro dá-se através de uma barreira isoladora, formada pela via férrea, pela via do metrô e pelo ribeirão Arrudas. A rua parte, no sentido sul-norte, da Avenida Nossa Senhora de Fátima e termina em outra barreira formada pela Avenida Antônio Carlos, que condensa um intenso tráfego.

Nos dois primeiros quarteirões ocorre uma certa harmonia de superfície, construída pela arquitetura. Há um predomínio dos estilos eclético e *déco*, sendo essas residências unifamiliares transfor-

madras em serviços de comércio e prédios de dois pavimentos com comércio no térreo. Especialmente o primeiro quarteirão é ocupado por uma seqüência de comércio de móveis novos e usados. Estas atividades encontram-se alternadas, no segundo quarteirão, com lanchonetes, bares e mercadorias. Esta continuidade da paisagem só é interrompida pelo hotel e pelo motel, que representam uma atividade tradicional hoje em franca decadência.

Os primeiros quarteirões são dotados de boa visibilidade em relação às ruas transversais. Porém, devido às sinuosidades, o alcance visual é restrito, sendo eliminada a profundidade do panorama da rua. O símbolo domina o espaço mais do que as formas, evidenciando uma mensagem basicamente comercial.

O terceiro quarteirão é ocupado por um conjunto de sobrados *déco*, além de um edifício habitacional pré-modernista. O inusitado fica por conta da vila residencial, com sua paisagem modernista constituindo-se em um nicho de sociabilidade.

Já o quarto quarteirão é marcado por uma seqüência de residências ecléticas, como a "Casa da Loba", e pela presença da arquitetura neoplasticista revestida de pó-de-mica. O lado oposto da rua é composto por um grande galpão que eliminou as reminiscências do cenário. Esta seqüência de moradias encontra-se comprometida devido às precárias condições da arquitetura, sendo necessária a recuperação das mesmas. O quarteirão também permanece especialmente marcado pela presença do edifício moderno do Grupo Escolar Silviano Brandão, que, no início do século, funcionou em um sobrado eclético. Desde então, a escola já passou por três modificações.

A partir do início da última sinuosidade, a rua é caracterizada por uma variedade de atividades, que penetra até o seu último quarteirão. A curva prolongada promove uma certa sinestesia e, ao mesmo tempo, conforma um percurso de difícil visibilidade. Nesta área ocorre também um predomínio do símbolo em detrimento da forma. A mensagem é basicamente comercial e a arquitetura encontra-se recuperada e também modificada, havendo uma equi-

valência numérica entre as duas características. O predomínio da ordem visual dos elementos da rua e a concentração de atividades possibilitam que este ponto seja convergente. Regido por um código comum, o local é pontuado por olhares vigilantes. A um passo das duas favelas que circundam o bairro, a área foi transformada em ponto de encontro, tensionado pela diversidade. Ao mesmo tempo, alguns sobrados, meio arruinados, anunciam aventuras profanas, como os hotéis, que funcionam como motéis, interligados com a sauna *only for men*, já situada na Avenida Antônio Carlos. Como um local híbrido, a condição profana transmuta-se em condição sagrada, referenciada pelo comércio voltado para artigos de umbanda. O circuito do culto umbandista irradia-se na rua pelo seu cheiro, pelos freqüentadores que vêm de fora do bairro e pelo som dos tambores durante as festas noturnas.

A Itapeverica tem o seu itinerário concluído em grande estilo. A arquitetura tem seu papel ampliado, abrigando atividades de grande porte – o Hospital Odilon Behrens, *déco*, de porte regional, ao lado do prédio modernista do Departamento de Investigação da Polícia Federal. Nesse ponto, a força da rua e do bairro avança para a Igreja São Cristóvão e para o Conjunto IAPI. Entre os fragmentos díspares, a rua institui uma ordem compartilhada, colocando-se como testemunho vivo da experiência urbana do bairro.

3.2.2 Pela ortogonalidade da Além Paraíba

A Rua Além Paraíba centraliza os deslocamentos do bairro, sendo formada por duas mãos direcionais. A rua atravessa o bairro e nasce ortogonalmente na Avenida Nossa Senhora de Fátima, findando na Praça XV. A clareza e simplicidade da forma visual, impulsionadas pelo alicerce e pela geometria, dinamizam os deslocamentos. A boa visibilidade das ligações e o alcance visual que a Além Paraíba propicia singularizam-na no bairro. Como um mirante itinerante, qualquer ponto focaliza o *skyline* da cidade, além de facilitar a localização dos pontos marcantes do bairro. A repetição rítmica dos focos de paisagem cria na rua uma profundidade de visão – cena viva dos espaços belo-horizontinos.

O panorama da rua é caracterizado pela dissolução dos vários con-

juntos de seqüência, criando uma cadência rítmica. Estas seqüências são formadas principalmente pelo tipo de uso e ocupação, dissolvidas pela irrupção de uma transversal, pela implantação de atividade de grande porte ou pela localização de pontos marcantes. O principal ponto referencial do bairro e da rua está representado pela Igreja Imaculada Conceição, que reúne a população local, promovendo festas religiosas, além das missas dominicais. A igreja possibilita a experiência social harmônica, estruturada nas diferenças sociais.

Os dois primeiros quarteirões evidenciam a ausência de qualquer harmonia de superfície. As atividades descontínuas, aliadas à contigüidade na arquitetura, dificultam a percepção local. Em termos de uso, a área vem sofrendo mudanças acompanhadas de ocupações de maior porte, já ocorrendo construção de edifícios de escritórios e de um mini-shopping. Ao lado dessas atividades, os primeiros quarteirões são ocupados por atividades voltadas para a saúde, que funcionam em residências adaptadas ou em edifícios de maior porte. A esquina com a Rua Adalberto Ferraz, onde se situa a igreja, representa o primeiro ponto de encontro da rua, impulsionado não só pela igreja e pela AVSI (associação assistencial), mas também pela presença da Maternidade, de bares e do Serviço de Apoio ao Menor.

No segundo e terceiro quarteirões da rua, ainda prevalece a mudança de uso, onde a forma arquitetônica começa a emergir em detrimento do símbolo. Pouco a pouco, a mensagem comercial e de serviços passa a ceder espaço para a predominância do caráter residencial. Neste contexto, o panorama arquitetônico restitui para a ambiência local as referências temporais da Lagoinha. Residências, recuperadas ou não, guardam o sentido do bucolismo e do familiar no bairro. Estas ambiências encontram sua expressão máxima na vila de arquitetura neocolonial, amplamente sombreada. A seqüência do casario avança até a esquina com a Serro, onde se localizam o bar e a mercearia, conformando um outro ponto de sociabilidade. Este local da rua representa, geograficamente, o centro, funcionando como lugar de parada, ponto de descanso.

As atividades comerciais do quarto e quinto quarteirões são voltadas para o consumo cotidiano do bairro. Essas atividades constituem uma alternativa às das ruas Itapeçerica e Bonfim, no que diz respeito ao consumo de bens alimentícios. Os botequins, situados ao longo da rua e na Praça XV, constituem o local por excelência do encontro. Durante a semana, o fim de tarde dos senhores moradores acontece nesse *locus* de sociabilidade. Regidos por um código comum, os freqüentadores transformam o espaço em um clube de iguais. Neste sentido, a freqüência torna-se quase "obrigatória", uma vez que "circula" pelo local todo tipo de troca. Portanto, a freqüentação dos botequins significa uma forma de inserção na rede social do bairro, sendo eles espaços dotados de significação simbólica.

O cenário da Além Paraíba até a Praça XV é ornado pelas expressivas temporalidades estéticas da sua arquitetura. Esta está distribuída em seqüência, avançando pelas transversais, centros condensados por um número expressivo de moradias. Este cenário representa o espaço de resistência da população, que vem sofrendo gradativamente as interferências para eventuais mudanças.

A Praça XV representa o fechamento da rua, situando-se no espaço de transição entre o bairro e a favela. Neste contexto e como um local de permanência, pela praça circulam os diversos grupos que habitam a região. A praça pode ser considerada o espaço público síntese, congregando todas as vicissitudes do bairro.

3.2.3 A Rua Bonfim, o caminho que conduz ao cemitério

Fortemente marcada pelo Cemitério, a Rua Bonfim é formada por duas curvas acentuadas e um leve aclave. Ela liga a Avenida Nossa Senhora de Fátima ao Cemitério, ponto em que muda de nome. As curvas dificultam a clareza visual, mas, por outro lado, as ligações transversais são marcadas pela boa visibilidade. Os panoramas, para o leitor que desce a rua em direção à cidade, são os mais variados. Sempre ornados pela Serra do Curral, os pontos de visada da cidade possibilitam uma internidade entre o leitor e a paisagem.

O primeiro e o segundo quarteirões da via apresentam um cená-

rio arquitetônico bem desgastado pelo tempo. São as marcas de experiências de grande força simbólica no passado e que hoje não passam de ruínas. A contigüidade com a Avenida Pedro II e a Rua Paquequer "insinuam" marcas de um passado feliz. Os hotéis desativados, sobrados em ruínas, o lixo e as sucatas amontoadas nos passeios, os terrenos baldios, as lojas fechadas, a barbearia antiga, a loja de "trastes", a luz vermelha na janela - tudo isso sugere formas de dessacralização do lugar.

Ali aconteceu o mundo da boemia que não volta mais. Entre os vestígios encontra-se o mendigo, hoje o dono do "pedaço". Entre os escombros do que o mendigo passa em revista, aquilo que não volta mais.

Das casas frágeis e amontoadas do lugar da mundanidade chega-se ao local sagrado.

Percorrendo a Bonfim, entre os vestígios de um passado fervilhante, tem-se inicialmente a idéia de "cais de porto". A localização dos frigoríficos e do comércio atacadista de carnes redefiniu o cotidiano local, através da circulação de grandes caminhões, dos carregadores e do cheiro local. Tudo se passa como se fosse um cais, recompondo assim uma experiência atacadista tradicional na região.

Os últimos quateirões são ocupados predominantemente por residências desativadas, modificadas, e por terrenos baldios. A presença da fábrica de macarrão Orion, em fase de desativação, interrompe a seqüência de descontinuidades da rua. Os botequins também constituem, como na Rua Além Paraíba, a geografia do vivido local. Como extensão da casa, os botequins possibilitam que os jovens e adultos ampliem as suas dimensões existenciais. A chegada ao Cemitério é devidamente codificada pelos serviços voltados para o setor. Todos os fatos contribuem para que se possa concluir que a Rua Bonfim se encontra descaracterizada, representando um dos principais estoques de terra do bairro.



3.3 A Lagoinha como um mundo em miniatura

"(...) A cidade é corpo onde se inscrevem emoções e paixões, experiências intrasmisíveis e singulares que o poeta-alegorista canta".
(MATOS, 1989)

Tendo por base as análises apresentadas, pode-se concluir que o bairro, apesar das suas características marcantes, requer cuidados. Neste contexto, sua escritura sugere imagens desfocadas e, ao mesmo tempo, fortes sinais de que a vida prevalece.

A Lagoinha nasceu nas "portas" da cidade, onde tem início um mundo a princípio ordenado. Desta maneira, construiu sua ordem na condição da desordem suburbana do início do século. Das primeiras ocupações, da chegada do bonde, da construção da Igreja e da instalação do primeiro botequim formou-se uma cidade em miniatura.

Nascida de uma pedreira e das glebas agrícolas, a Lagoinha emergiu para "fazer nascer a bela cidade". A geografia sentimental dos quarteirões revela que o pulsar da vida fez com que as barreiras

fossem transpostas, ao mesmo tempo que construiu uma forte resistência social.

Os ritmos do andar e do viver do bairro estão representados no movimento lento e incerto dos velhos, dos seus testemunhos, dos seus olhares distantes, tão próximos. Mas a Lagoinha é também o ritmo rápido do morador que corre para o seu trabalho. É o "subir e descer" para o centro, a dificuldade de transposição das barreiras, a busca incessante por um lugar no transporte coletivo. Entre os inúmeros ritmos ainda permanece o movimento imprevisível e caprichoso das crianças. Nas esquinas, vilas, ruas sem saída e na praça, as crianças repõem o sentido interiorano do bairro.

A escritura do lugar também evidencia uma seqüência de imagens, montadas tanto pelas suas pedras como pelos seus habitantes. A deambulação noturna, os encontros nos botequins, a saída ritualizada do trabalhador, os rituais religiosos, cada um com seu tom, estruturam e condicionam o espaço cotidiano. Os intercâmbios e as trocas milimétricas do olhar, do gesto, dão conta de que a Lagoinha é um lugar no mundo.

Desvendando as pedras, em seus mínimos detalhes, encontram-se vestígios de temporalidades estilísticas - são as permanências que dão conta da história do lugar. As constelações estilísticas representam o registro vivo do diálogo do bairro com a cidade. Um sinal aqui, outro acolá, somados, produzem um fantástico panorama fundamentado em paradigmas na cena urbana, alcançando a universalidade.

Concluindo, o mercado, a arquitetura, o frenesi da vida urbana, tudo isso compõe a vida local. Faz-se necessário a preservação da Lagoinha propiciando ao morador a possibilidade de se reconhecer no lugar. Assim, reconhecer os lugares traduz-se em refigurações do tempo, dos espaços e das ações.

Refigurar a Lagoinha significa capacitá-la não só para o entendimento dela mesma, mas também do mundo. Só a partir de ações

efetivas do poder público compartilhadas com a população local ter-se-á o despertar do bairro para o encontro com o seu destino.



5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Abílio. *Bello Horizonte. Memória histórica e descritiva (História Antiga)*. Belo Horizonte: Pax, 1928. p. 457.
- BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1981. p. 52-58.
- BENJAMIM, W. *Magia e técnica, arte e política. Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985
- _____. *Infância em Berlin hacia 1900*. Madrid: Allaguara, 1982.
- CANEVACCI, M. *A cidade polifônica*. São Paulo: Nobel, 1993. p. 134.
- GIEDION, S. *Espacio, tiempo y arquitectura*. Madrid: Dossat, 1982. p. 460.
- LEMOS, Celina B. *Determinações do espaço urbano: a evolução econômica, urbanística e simbólica do centro de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado em Sociologia, UFMG, 1988.
- MAFFESOLI, Michel. *A sombra de Dionísio*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p.91.
- NAVA, Pedro. *Balão Cativo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- NIEMEYER, O. Oscar Niemeyer. São Paulo: Almed, 1985. p. 45.
- PBH. *Plano Diretor de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: SMPL, 1994. p. 12-26.
- PIGNATARI, D. Um neolítico de consumo. In: Figueiredo, L. & Ramos, O. (org.). *Rio Déco*. Rio de Janeiro: Achimé, 1980.
- SALGUEIRO, H.A. O ecletismo em Minas Gerais: Belo Horizonte 1894-1930. In: Fabris, A. *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Edusp/Nobel, 1987.
- SANSOT, Pierre. *Poétique de la ville*. Paris: Klincksieck, 1973. p. 54.